

Assembléia da Poli decide

Apoio à greve dos funcionários e docentes e não à greve dos estudantes



alunos votando em assembléia dos estudantes da Poli

Em assembléia que ocorreu no dia 16 deste mês, no vão do biênio, os alunos confirmaram seu apoio à greve dos funcionários e docentes da USP, assim como a não adesão estudantil da Poli a ela. Também ficou decidido a aplicação de um plebiscito, que ocorreu na quinta e sexta últimas, para a realização de um dia de paralização no 2º semestre deste ano, a fim de promover debates sobre questões pertinentes à universidade - como ensino, pesquisa, extensão e financiamento - e à Poli.

página 11

A CadoPô Ainda Vive



A Casa do Politécnico, carinhosamente chamada de CadoPô, é um prédio localizado no Bom Retiro que em outros tempos funcionou como moradia estudantil. Com a saída da Poli da Rua Três Rios - ao lado da CadoPô - e com o passar do tempo o prédio passou a abrigar, de forma desorganizada, os mais variados moradores e teve diversos usos, inclusive a comercialização de apartamentos e o tráfico de drogas. Há dez anos o Grêmio obteve a restituição de posse e, desde então, o prédio esteve sem qualquer uso ou funcionamento, contando apenas com um caseiro.

A atual gestão do Grêmio vê a necessidade de resgatar a vida do prédio e dar a ele um uso que ultrapasse os limites do próprio Grêmio.

página 7

Reforma Universitária, pág. 3 + Fundações Privadas na USP, pág. 9 + Entrevista com a Profª Drª Roseli de Deus, coordenadora da FEBRACE, pág. 10 + O Politréco, pág. 12

USP Zona Leste

A Universidade de São Paulo, está prestes a inaugurar um novo campus, com mais de mil vagas iniciais, na Zona Leste da capital do estado. Embora esta seja uma região de aproximadamente 4 milhões de pessoas, conta atualmente com apenas uma instituição pública de ensino superior: a FATEC (Faculdade de Tecnologia), que oferece cursos técnicos e não forma bacharéis.

A criação da USP Zona Leste está inserida num processo vertiginoso de expansão de vagas no ensino superior paulista, promovido pelo Governo do Estado nos últimos anos. O que se tem adotado, no entanto, é uma política de números e não de qualidade; o aumento de vagas, extremamente desejável, tem se dado sem aumento de verba para contratação de docentes e técnicos e sem investimento adequado em infra-estrutura e equipamentos destinados a assistência estudantil. Ao mesmo tempo, pipocam nas univesidades paulistas, como a própria USP, e FATECs greves e protestos decorrentes dos baixos salários e reivindicações pela democratização do acesso, entre outros problemas.

página 4

2004: o ano da mulher



O ano de 2004 é o Ano Nacional da Mulher. Para que não percamos a idéia original desse acontecimento, como se deu com o dia do trabalho e tantas outras datas, propomos que esse ano seja um ano não de comemoração, mas um ano de reflexão a respeito da condição das mulheres durante toda a

história da humanidade e conscientização de que a situação das mulheres reflete a situação da própria sociedade em que vivemos, sendo assim a questão de gênero uma questão não apenas de homens ou mulheres, mas de todo ser social.

Para tanto preparamos uma série de textos para reflexão ao longo desse ano a respeito da condição feminina. O texto dessa edição propõem mostrar um pouco a evolução social histórica que tirou a mulher de um status de igualdade para colocá-la num status de inferioridade e quanto essa manobra que durou séculos foi uma estratégia de dominação cultural e ideológica, transformando e anulando homens e mulheres para melhor servir a um determinado contexto.

página 6

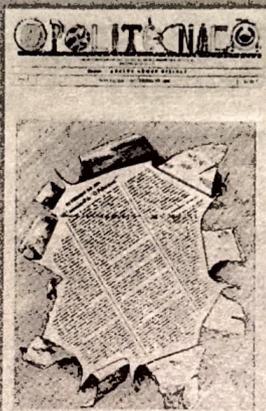
EDITORIAL

Por que O Politécnico?

Em sua primeira edição, O Politécnico comemorava, na capa, os seus 10 anos. Não que ele tenha demorado 10 anos desde a idéia de fundar o jornal ao lançamento da edição, ou por confusão na gráfica, mas foi uma forma de evitar um antigo karma que acompanha os jornais universitários: eles dificilmente duram mais que uns poucos anos, geralmente sendo extinto junto com a formatura dos seus fundadores, e nunca chegavam a dez anos.

Ao que tudo indica, o truque deu certo. O jornal que o leitor tem em mãos agora, comemora esse ano seus 60 anos de fundação, em sua centésima primeira edição. Edição, aliás, que comemora tardiamente a edição número 100, pois esta foi editada com número errado, por conta de erros de contagem que foram corrigidos com uma recontagem feita logo após a sua impressão. Mas, qual a importância disso? Por que deve existir O Politécnico?

Somos 10.000 alunos, metade só na graduação. Só essa metade está distribuída em 9 prédios, 4 grandes áreas, 13 cursos distintos, 141.500m² e outros tantos números que representam o grandeza com que



capa do primeiro jornal, publicado em 1944

já estamos acostumados a lidar. Mas justo essa grandeza também nos traz uma dificuldade, que é a de integrar toda essa gente, de fazer com que o próprio politécnico conheça o politécnico. É importante que ele saiba o que acontece a sua volta, em sua escola, na sua universidade. Só assim essa grandeza realmente faz sentido, se torna útil. Mas a dificuldade não reside só na informação dentro da Poli, mas como ela chega a nós. Politécnico, nós sabemos, tem uma forma peculiar de ver a Universidade e até mesmo o mundo. Sua forma de ver e pensar, avaliar, opinar. Enfim, temos nosso próprio mundo, que não é separado, mas é próprio.

E, assim, é natural que exista um jornal só para ele. O Politécnico é um jornal feito por politécnicos para todos os politécnicos, buscando ajudá-los a entender e informar o que se passa à volta, dentro e fora da Poli, do nosso ponto de vista, com a nossa marca. Enfim, O Politécnico existe por causa dos politécnicos.

Hei, cadê o meu carro???

Essa exclamação é cada dia mais comum na Poli. Roubos são tão frequentes no estacionamento que é fácil acreditar que este se tornou um porto de exportação de veículos para o Paraguai. Para se ter uma idéia, num único dia, foram roubadas três Paratis.

Estranhamente, no ano passado, o relatório apresentado pela empresa responsável pela segurança informa que não houve um único roubo de veículos! Talvez os limites de cada Unidade da USP não estejam tão claros, e eles se perderam e foram parar no bolsão da FEA...

A segurança foi terceirizada em toda a Universidade, para redução de gastos. Nesse caso, o baixo preço que a USP paga vem acarretando em alto custo para os alunos. Desde a mudança da vigilância, o número de roubos aumentou, enquanto as medidas de segurança parecem ter diminuído: em 2003, a distribuição de cartões na entrada do estacionamento aos motoristas foi simplesmente esquecida pelos vigias.

*Não levamos só carros, roubamos dinheiro, mate-

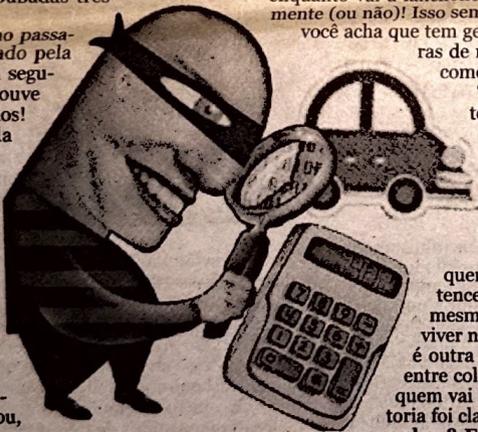
rial escolar e computadores também!"

Parece que essa é a propaganda que os "mãos-levés" que andam livremente pela Poli utilizam para conquistar clientes. Deixe sua mochila em uma sala vazia enquanto vai à lanchonete e espere para vê-la novamente (ou não)! Isso sem contar na *Máfia da HP* (ou você acha que tem gente que consegue calculadoras de marca a um preço tão baixo, como divulgam pelos murais?).

"Mas a Poli não tem um sistema de câmeras de segurança?", você pergunta. Sim! Mas pra quê? Se não acabam com os roubos, qual o propósito deste gasto extra? O que elas estão controlando?

E para quem acha que "só quem é bobo vai deixar seus pertences sozinhos", dizemos: é esse mesmo o mundo em que queremos viver na Escola Politécnica? Lá fora é outra história, mas aqui, estamos entre colegas, e se não fizermos algo, quem vai fazer? A mensagem da Diretoria foi clara: há um problema com roubos? Façam um abaixo-assinado!

Quantos carros, calculadoras, reais e computadores precisaram "sumir" para conseguirmos assinaturas suficientes?



PARTICIPE!
DO JORNAL
Reunião Todo Quarta
12h no Grêmio
ou envie seus textos para
jornal@gremio.poli.usp.br

O quê?
Engenheiro fazendo
teatro?

Pode acreditar!

Grupo de Teatro da Poli
ensaios às quintas, 17h
gtp@gremio.poli.usp.br
www.poli.usp.br/gtp

EXPEDIENTE

Comissão Editorial: Wagner Marcelino, Denis Mauá, Pira, Alex Fernandes, Leonardo Pereira, Gilmar Barretela, Guilherme Monticelli, Fernanda Neri, Karina Neves, David Goldberg, Ana Carolina Moreno, Luis (Ticão).
Diagramação: Denis Mauá, Wagner Marcelino, Pira, Mauricio(Pipoka).

Tiragem: 3000 exemplares

Essa é uma publicação do Grêmio. Os artigos assinados não traduzem a opinião do Grêmio.
correio eletrônico: jornal@gremio.poli.usp.br

End.: av. Prof. Almeida Prado, trav. 02, nº. 128 - 1º. andar - CEP 05508-900 - Cidade Universitária, São Paulo - SP. Tel./fax 3091-5372/5160



**Grêmio
Politécnico
da USP**

Movimento Estudantil

Uma visão global da reforma Universitária

Fernanda Mahuy Kemeid
Kiyoshi Horie Filho
Bixos - To4

Em setembro de 2003, o Ministro da Casa Civil, José Dirceu, anunciou a intenção governamental de realizar aquilo que todos os setores ligados ao ensino superior reivindicavam: A Reforma Universitária. Além de estar gerando inúmeros debates em todos os centros universitários do país, ela também foi uma das principais causas da demissão de Cristóvam Buarque de seu posto de Ministro da Educação.

Mas que reforma é essa?
A Reforma Universitária é um conjunto de mudanças que buscam criar instrumentos que permitam às universidades poder, de forma mais eficiente e eficaz, cumprir, socialmente, com os compromissos que uma instituição dessa categoria tem.

Entre as questões a serem discutidas neste projeto está a autonomia da universidade que, após 16 anos de seu estabelecimento legal pela Constituição de 1988, permitirá que as instituições brasileiras consigam decidir sobre seus cursos e currículos, estabelecer políticas gerais de administração e gerenciar recursos financeiros. Para Ricardo Musse, professor de sociologia da USP e um dos integrantes do Fórum de Políticas Públicas, este é uma das mudanças fundamentais da reforma: "A atual gestão das universidades federais está dentro de um modelo burocrático e hierárquico que não tem

como funcionar a contento, posto que o Estado não é capaz de controlar tantas coisas".

Ainda no campo da autonomia, outro ponto a ser discutido é o da gestão da universidade. Como a última Reforma Universitária ocorreu no período da ditadura no Brasil, o sistema de gerenciamento reflete claramente uma das principais características dessa época: a falta de voz do povo. Por exemplo, nas eleições para a reitoria, apenas 30% dos votos são reservados para funcionários e alunos.

Ainda no plano das metas a serem discutidas, estão as cotas destinadas para estudantes de baixas condições financeiras, o que inclui não apenas destinar vagas para estes, mas também a criação de meios que possam mantê-los nas universidades e garantam-lhes seu diploma. As instituições particulares desejam o aumento do financiamento do governo (realizado pelo FIES) para atender a mais estudantes dessa classe. E, aliado a isso, há a intenção do governo de tentar estatizar as vagas ociosas existentes nestas preenchendo-as com alunos de baixa renda que estudavam na rede pública, beneficiários de políticas de cotas e portadores de necessidades especiais. Em troca, as instituições receberiam isenção fiscal e aquelas que já têm esse benefício poderiam ter o direito de agir como empresas (remunerando os sócios e distribuindo os lucros, por exemplo).

Para se discutirem os pontos da Reforma, a ANDIFES (Associação Nacional dos Representantes de Instituições Federais) vem realizando, desde o começo do ano, seminários nas

principais universidades do país. Em fevereiro, na UFPR, o tema do seminário foi sobre a expansão da universidade e a democratização do acesso a ela; no mesmo mês, na UFSCAR, a discussão voltou-se para o papel da instituição no desenvolvimento científico e tecnológico. Nos dias 22, 23 e 24 de março, na UFPA, falou-se sobre o projeto de currículos, responsabilidade social e avaliação. O último seminário a ser realizado ocorrerá no final de abril, na UFGO, tratará dos recursos humanos das universidades. Esses seminários permitirão à ANDIFES montar sua proposta de reforma que será mandada ao governo federal até julho. Outras instituições também estão debatendo o tema e confeccionando suas propostas: o FPP (Fórum de Políticas Públicas, formados por docentes da USP) querem que a administração das universidades seja feita a portas abertas pelo que chamam de fundações; a Une realizou ao longo do mês de abril inúmeros debates e palestras sobre o tema nas principais universidades do país para ter a opinião dos alunos para montar sua proposta de reforma.

O governo federal promete ouvir todos os segmentos da sociedade, pois quer tornar o sistema universitário mais democrático e acessível a todos. Portanto, é importante e necessário o envolvimento de todos na discussão da reforma para que esta seja feita da forma mais coerente e abrangente possível.

Grêmios? Pra quê?

Alex Fernandes
Civul - To4

Dia desses, andando pela poli, deparei-me com um grupo de colegas muito preocupado com a "vida estudantil", grande área, enfim, aquele drama todo... Diante de tal aflição, não pude conter uma outra preocupação, esta até mais séria, então lhes perguntei se sabiam das "últimas" da Reforma Universitária. A resposta foi unânime: não! "Como não?!", foi um grito que se fez presente em minha cabeça, como que por reflexo imediato diante da surpresa e logo tomou forma sonora seguido de mais algumas interrogações. Uma delas foi saber o motivo pela falta de interesse no assunto. A resposta: não temos um corpo estudantil na poli para ficar "por dentro" do assunto! Aquela resposta, nem tão surpreendente, conduziu a outra pergunta: e o Grêmios? Esta eu respondo.

O Grêmios vai bem obrigado. Existe, tem gerência, mas não tem corpo! Corpo estudantil, composto por alunos que veem na ação gremista um complemento para sua formação, que não se resume tão somente a estudar e esquecer o compromisso social que lhe será cobrado, inevitavelmente, mais cedo ou mais tarde. Exatamente! Em um mundo tecnocrático como o nosso, o que será cobrado dos engenheiros? Oram, o que nós temos de melhor: capacidade de resolução! E aqui, falo de soluções práticas e reativas por parte do aluno que se enxerga como elemento vital do Grêmios, não das frustrantes listas de cálculo e física, que confinam cérebros em uma turbulenta e, às vezes frustrante, disputa por escolha de cursos. Mas disto vem um outro fato curioso: o politécnico é orgulhoso!

Ele até pode ser, digamos, o melhor. Mas não é uma "ilha". Prova disso é fato de que o politécnico não enxerga um concretizador de idéias e projetos acadêmicos no Grêmios. Não tem visão política, porque a política acadêmica aqui citada, liga o aluno ao Grêmios, o Grêmios ao DCE, e este à UNE. Percebe-se, então, que existe um mecanismo (embora pouco ativo) para obtenção de resultados produzido pelo próprio aluno. Eis como a nossa "engenhosidade" vai longe, e necessita de aperfeiçoamento. E começa no Grêmios. Para tanto, uma nova visão deve ser inserida na poli: o aluno como instrumento de ação, para que se possa ter um corpo estudantil estruturado e reativo, com um discurso forte e objetivo, apto

e disposto a debater toda e qualquer causa universitária na USP, diante da UNE, que desde sempre leva suas propostas (a la PSTU, PCdoB, PT...) em uma sociedade tosca e avessa com os interesses partidários. Ora, vamos ao debate (engenheiro não serve só para fazer contas). Independentes das influentes e corruptoras ideologias partidárias, que moldam alguns discursos por aí!

E esse tal debate de ideologias que se prega por aí não se restringe somente ao sentido para o qual tende cada uma das leis tende (direita ou esquerda), amplia-se até o ponto em que ele contraria ou apoia o que você acha que é certo. Já o discurso estudantil, tão escasso em nosso meio acadêmico (neste caso, na Poli) tem urgência em ser elaborado, uma vez que possui a dinâmica de ser sentido enquanto organizações como centros acadêmicos, grêmios e DCEs tenham corpo e forma para apresentar um debate firme e convicto, moldado pela articulação de pensamentos ativos de seus integrantes, em um ambiente em que a comunicação seja vista como fonte vital de sustentabilidade e convivência acadêmica. Mas, o déficit maior, da nossa mais eficiente "arma" estudantil, é a ausência dos "engenheiros" na mobilização das massa acadêmicas.

Até mesmo deve ser inserido neste tópico, a pouca articulação do Grêmios com o próprio Diretório Central dos Estudantes da USP, o DCE. Neste interin, temos as causas que abrangem até mesmo uma esfera maior de interesses estudantis da universidade, que podem ter no DCE um canal de manifesto mais amplo, por contar com um corpo mais diversificado da comunidade universitária, embora este corpo esteja reduzido a uma minoria que ainda vela um defunto (chamado: "Movimento Estudantil da época da Ditadura!") há mais de 40 anos. Porém, esta falta de comunicação se deve basicamente a pouca estruturação que a inatividade política de grande parte da comunidade estudantil politécnica oferece ao não se articular com Grêmios através de seus C.A.s, ou mesmo de grupos que já têm uma postura ativa diante de causas que interessam a todos nós. (e saber que grandes homens, tecnicamente e não ideologicamente falando, como Mário Covas, Henrique Meireles, Pedro Malan e José Serra, saíram das mesmas salas onde estudamos hoje!).

"Você tem sede de quê?". Se o meio em que você vive é o reflexo do que você pensa, ser engenheiro em uma USP desarticulada, sem o peso de uma opinião estudantil mobilizada, não deve ser lá um fato, digamos, saudável. Sociologi-

camente falando. Mesmo a Reforma Universitária não vem a ser um assunto tão popularizado o quanto deveria, a ponto de ter seu tópicos mais polêmicos visto como uma esmiuçada novela que tem seus capítulos rodados nas conversas dos intervalos. E agora, temos as cotas, que só prestam o deserviço de dar um "contraste" na diferenciação burra que se faz entre raças nesse país, e que além de mandar para o espaço o princípio meritocrático não fala do caráter efêmero da medida. Ao invés de termos sempre um debate inteligente em andamento, fica-se muitas vezes à mercê do que se fala e do que se negocia na mesa da UNE quanto a estrutura de ensino de um país que é nosso!

Que se faça uma verdadeira UNE, independente das politicagens subversivas dos interesses partidários (filho de peixe, peixinho é!). Façamos uma União tecnocrática voltada para a prosperidade científica, social e econômica (a la Poli)! Que faça-se imediata a criação de núcleos de debates para nossas causas e de movimentos que conspiram a nosso favor, exatamente em um ano de decisões que pleiteiam nossos interesses estudantis (em primeira instância, na universidade), e então, com novas ferramentas conquistadas, lançar por terra as futuras bases de uma tecnocracia voltada para desenvolvimento de nossa sociedade. Pois somos tecnocratas! Somos políticos e o peso de grandes decisões no futuro de nossa sociedade recairá sobre nossos ombros (guardem bem isso).

Se, ao contrário do estímulo à produção de idéias reativas, o grêmios abster-se da atividade política participativa e dinâmica, estamos entregues a Murphy, com seu pessimismo irônico que condena-nos ao ao fracasso de nossas causas e ao desânimo diante do que poderia ser feito com as forças físicas e intelectual, produzidas pelos próprios alunos da Escola Politécnica. Dessa forma, ficamos entregues diante de um espelho que reflete, através do sistema, o que nós queremos e pensamos, assim como nossas ações (consequência do que pensamos e queremos), que modelam o mesmo sistema. Destarte, estrutura deve ser prioridade na fortificação do balaustrado da democracia que além de conquistada deve ser cada vez mais revigorada através das fileiras das salas de aula. *Seja reativo!*

USP VEM À A USP NA ZONA LESTE

David Goldberg
Naval - T01

A Universidade de São Paulo, em seus 70 anos, está prestes a inaugurar um novo campus, a USP Zona Leste. Serão mais de mil vagas novas oferecidas já em 2005. No entanto, a implementação da EACH (Escola de Artes, Ciências e Humanidades), como é chamada, tem causado muita polêmica no meio universitário, tanto pelo conteúdo dos cursos, como pelo processo diferenciado com que as diretrizes desse projeto foram e ainda estão sendo tomadas.

A zona leste de São Paulo é uma região extremamente populosa e carente de equipamentos públicos de educação, especialmente no que diz respeito ao ensino superior. Embora seja uma região de aproximadamente 4 milhões de pessoas, conta atualmente com apenas uma instituição pública de ensino superior: uma FATEC (Faculdade de Tecnologia), que oferece cursos técnicos e não forma bacharéis, com o a USP. Essa carência tem sido discutida por movimentos sociais nesta região há muitos anos, como por exemplo pelo Fórum de Educação da Zona Leste, formado no início dos anos 90.

A criação da USP ZL está inserida num processo vertiginoso de expansão de vagas no ensino superior paulista, promovido pelo Governo do Estado nos últimos anos. O que se tem adotado, no entanto, é uma política de números e não de qualidade; o aumento de vagas, extremamente desejável, tem se dado sem aumento de verba para contratação de docentes e técnicos e sem investimento adequado em infra-estrutura e equipamentos destinados a assistência estudantil. Ao mesmo tempo, pipocam nas universidades paulistas e FATECs greves e protestos decorrentes dos baixos salários e reivindicações pela democratização do acesso, entre outros problemas. No campus da USP de Ribeirão Preto, por exemplo, o número de cursos aumentou de 11 para 23 nos últimos 3 anos, sem o aumento da oferta de apartamentos para os estudantes ou aumento da capacidade do restaurante (bandeirão).

As eleições que ocorrerão no fim do ano tornaram a aprovação do campus Leste uma prioridade para o Governo do Estado e, embora o caráter do projeto não tivesse sido discutido amplamente na comunidade acadêmica, a reitoria encaminhou da forma mais rápida possível o processo burocrático interno necessário a sua implementação.

Os cursos novos são normalmente propostos pelas diferentes unidades da USP. Neste caso, entretanto,

a reitoria indicou uma comissão central responsável pela USP ZL, presidida pela professora titular aposentada Myriam Krasilchik, da Faculdade de Educação. Como um dos objetivos essenciais da concepção desse projeto era pensar no desenvolvimento da região onde estará inserido, os cursos da USP ZL foram definidos após uma série de consultas a estudantes de ensino médio e de cursinhos da zona leste, visitas a um espaço de reunião de um dos movimentos organizados no bairro de Ermelino Matarazzo e consultas a diversos professores da USP.

Após a conclusão dos trabalhos, foram idealizados cursos em áreas de conhecimento não tradicionais na USP. Cursos consagrados como engenharia, direito ou medicina deram lugar a enfermagem geriátrica, gestão de políticas públicas e marketing, entre outros. As justificativas predominantes são a impossibilidade de se oferecer dois cursos iguais no mesmo município, apontada pelo Estatuto da USP e a vocação da Universidade para "inovar, apontando novos rumos para o conhecimento", segundo a pró-reitora de graduação, a professora Sônia Teresinha Penin. Os cursos não foram os mais requeridos nem pelos entrevistados nem pelos movimentos sociais da zona leste envolvidos, como revelou o jornal *O Estado de São Paulo*, em sua edição de 5 de abril.

Diversos professores foram procurados pela comissão central para elaborar os cursos, dentro de uma estrutura previamente definida pela comissão central. Eles teriam um ciclo básico comum a todos, no primeiro ano, composto por disciplinas genéricas que abrangem diversas áreas de conhecimento de forma superficial. Além disso, todos os cursos teriam 8 semestres ideais em meio período e a forma de ingresso seria pela FUVEST.

Embora o projeto USP ZL não tenha sido discutido nas Congregações das diversas unidades da USP, os cursos deveriam passar pelas instâncias burocráticas da Universidade antes de sua aprovação final, no Conselho Universitário (Co), até sua sessão de maio deste ano. A primeira etapa era submetê-lo à Câmara Curricular e do Vestibular (CCV), depois ao Conselho de Graduação (CoG), depois às diversas instâncias do Co. O caminho a ser percorrido era longo e o tempo curto: no final de 2003 os cursos foram remetidos à CCV sem sequer ter suas estruturas curriculares completas. Não foram aceitos e o processo teve que recomeçar. A medida em que o tempo passava, aumentava a pressão interna da reitoria pela aprovação dos cursos a qualquer custo - e assim

foram aprovados na CCV e no CoG com uma série de defeitos apontados principalmente pela representação discente e alguns professores.

Os cursos aprovados ao cabo deste processo foram:

- Gestão de Políticas Públicas
- Ciência da Atividade Física (antigo "Esporte e Saúde")
- Mídias Digitais
- Tecnologia Musical
- Tecnologia Têxtil e da Indumentária (antigo "Moda")
- Marketing
- Licenciatura em Ciências da Natureza (forma professores de ciências de ensino fundamental)
- Lazer e Turismo
- Gerontologia (antigo "Enfermagem Geriátrica")
- Obstetrícia (antigo "Enfermagem Obstétrica")
- Sistemas de Informação
- Gestão Ambiental

O curso de bacharelado em Ciências da Natureza com ênfase em Sensoriamento Remoto não foi aprovado pelo CoG. Cabe agora aos cursos serem apreciados pelas comissões do Co, onde serão explorados temas ainda não discutidos como a incerta forma de financiamento da estrutura (construção e gestão), regime de contratação de professores, assistência estudantil, entre outros. A implementação da USP ZL ainda será alvo de muitas polêmicas, já que muitas etapas do processo de implementação não têm sido suficientemente transparentes.

A USP ZL reflete uma nova concepção de curso: diz-se que propiciará aos estudantes realizar atividades de pesquisa e extensão, mas muitos dos cursos parecem ter caráter eminentemente técnicos; diz-se que há uma preocupação muito grande no desenvolvimento da zona leste, mas os cursos não são os mais requeridos na região e o ingresso será pelo mesmo método socialmente excludente aplicado nos outros campi; diz-se que será uma inovação em termos de integração de áreas de conhecimento, mas as que existirão neste novo campus não são consolidadas e a distância impossibilita um contato amplo entre as existentes USP ZL e a USP "Oeste"...São dúvidas que temos que buscar responder rapidamente, para não criarmos um paradigma de expansão de vagas que não sejam interessantes nem para a USP nem para a sociedade.

Sete ou Setenta anos?

Guilherme Cepellos Montioelli
Bixo - T04

Há 70 anos, a USP foi criada baseada nos princípios sociais da época, caracterizando-se elitista. A verdade é que ao longo de sua evolução e crescimento, nossa Universidade se configurou como uma importante defensora das causas sociais.

Um exemplo disso é que a reboque desses 70 anos, vêm 40 anos de Golpe Militar, contra o qual nosso Centro de cultura e ensino representou forte oposição, resultando em confrontos ideológica e fisicamente violentos.

Hoje a Universidade tem sua função discutida por todos os integrantes de sua comunidade, pois nota-se uma corrosão do caráter social que, utopicamente, toda boa universidade deve ter. Assim, temos o questionamento, por exemplo, sobre o real papel e as reais intenções que as fundações exercem na USP; até que ponto os interesses dessas fundações se sobrepõem às atividades e aos intuitos comunitários que justificam a existência desse Centro?

Visando maiores lucros e "status" social muitas fundações representam o oposto do que a sociedade espera da USP.

Em menor escala, o "marketing" pessoal de professores, funcionários e alunos têm degradado o ensino. Saiba-se que muitos docentes entregam suas funções acadêmicas a assistentes, enquanto trabalham em projetos pessoais usufruindo o título "professor USP".

Todos esses problemas estão ocasionando a perda de crédito social e o desbanho do pódio de muitas Unidades, como é o caso da Poli.

Como bixo, quando cheguei aqui, me deparei com um certo "ufanismo" politécnico que, não só em mim, criou a imagem de que a Poli seria mesmo a melhor escola de engenharia. Acontece que me decepcionei com o desempenho de nossa Escola no provão. É fácil se "gamar" por estar na Poli; é fácil e bom se comparar à FAAP ou ao Mackenzie.

Difícil é descobrir e admitir que institutos de engenharia, que, teoricamente, seriam de mesmo calibre que a Poli, nos superaram no exame do MEC. Quero acreditar que o proble-

ma esteja somente no ensino defeituoso que recebemos, e que a colocação da Poli no provão esteja alheia à uma possível e provável incapacidade mental dos politécnicos.

Esse é um grande motivo para que todos se integrem a meios de discussão e reivindicação sobre o atual sistema de ensino da Escola e da USP em geral, pois o momento é propício a isso e a outras manifestações.

A USP não cresceu homogeneamente pelos seus 70 anos. Assistimos hoje à uma estagnação no processo de crescimento e atuação da Universidade, que é, ainda hoje, uma "criança", se comparada às instituições de ensino superior mais tradicionais. Para revertermos essa situação, temos que nos inteirarmos de todas as suas deficiências e lutarmos por mudanças rápidas, caso contrário, nos próximos anos seremos obrigados a "competir" com o colégio Mackenzie, pois a Engenharia deles também irá nos superar.

GRÊMIO

CENTENÁRIO DO GRÊMIO POLITÉCNICO FOI COMEMORADO EM GRANDE ESTILO

Jonatas "Pira" Garcia
Naval - To2

O Grêmio Politécnico está em seu 100º ano de existência. Para muitos não é novidade, mas, certamente alguns nunca imaginaram que uma instituição como essa existisse há tanto tempo.

Era início do século XX, 1903, quando cinco politécnicos sentiram necessidade de ampliar a representação estudantil e torná-la mais ativa. Motivados pelas manifestações dos estudantes no Largo São Francisco, ocorridas em agosto daquele ano, em 1º de setembro publicaram a *Carta de Fundação do Grêmio Politécnico*⁽¹⁾. Nascia então, uma das maiores associações estudantis da história brasileira.

Muitos anos se passaram. O Brasil passou por muitas transformações, e não é mais um país agrícola. Porém, algumas lutas do GP e do Movimento Estudantil permanecem a mesma. A falta de participação dos politécnicos, e dos estudantes em geral, das questões políticas no ambiente em que estão inseridos, é hoje a principal batalha para a ampliação e fortalecimento do ME. O partidário excessivo que vem tomando conta do ME faz com que, cada vez mais, essas organizações percam credibilidade, principalmente entre os próprios estudantes, que já nem se sentem representados.

Mas nem sempre foi assim. Ocorreram épocas "gloriosas" do ME e do GP. No período do Regime Militar, os estudantes, mesmo atingidos por represálias, estavam organizados: alguns tramavam a tomada do poder pela luta armada, outros, apenas suscitavam o debate pela Democracia. O GP foi muito importante para a época, por ser uma das poucas associações estudantis que não fora levada a clandestinidade pelos militares.

Para comemorar seu centenário de fundação e relembrar esses e outros momentos da história do GP, que em setembro do ano passado aconteceu a "Semana dos 100 anos".

A SEMANA DOS 100 ANOS

Iniciou-se a semana com um debate sobre "Políticas públicas na engenharia", que contou com a presença do prefeito de Diadema, politécnico e membro do Escritório Piloto (1978), José de Filippi. Discutiu-se a participação dos politécnicos em projetos sociais de engenharia. Isso já vem acontecendo com alguns Trabalhos de

Formatura, coordenados pelo prof.dr. Antonio Mariani (PME), membro do Grêmio (81-83), que são voltados especificamente para essa área. A intenção é aumentar o número desses projetos e não se limitar a ações empresariais.

O período do Regime Militar foi lembrado num empolgante debate sobre o "Movimento Estudantil e luta pela Democracia" com participação de diretores do grêmio da época, e do prof.dr. Fernando Sells Ribeiro "Mindim" (PEA), morador do CRUSP (1969) durante as perseguições aos estudantes e quando a Polícia

Militar invadiu a USP. Destacaram-se a importância do GP para as lutas em favor da Democracia e da Liberdade de Expressão.

Num outro debate, "Engenharia para uma soberania nacional", Ricardo Zarattini, membro do GP (1955-61) e assessor da Casa Civil, não se conteve, e, emocionado lembrou seus momentos como preso político e posteriormente no exílio.

O futuro do GP e da Escola Politécnica também fora discutido. No debate sobre "Novas tecnologias de comunicação" o então Ministro das Comunicações, Miro Teixeira, ressaltou o interesse do setor para com a EP.

No painel descontraído, "Cem anos de história do Grêmio Politécnico", a historiadora Alessandra Matias de Oliveira, pesquisadora do registro histórico dos 95 anos, apresentou alguns acontecimentos marcantes do GP. Também estavam presentes os presidentes do GP Ruy Exel (1953) e Luiz Laterza (1978), refundador da UNE.

Além desses debates ao longo da semana, um bate-papo com o fundador de "O Politécnico" (1944) encantou as comemorações. Adolfo Gilioli contou diversas histórias engraçadas sobre sua época na redação do jornal e das dificuldades para imprimir os exemplares.



E finalizando a semana, nada melhor do que cortar um bolo em homenagem ao GP. Um grande bolo de 100 metros de comprimento, que se estendeu no estacionamento do Biênio. Ao final da canção "Parabéns a Você" os presentes invadiram a área de proteção e devoraram o bolo. Muitos não se contentaram apenas em comer, e se lambuzaram todo.

Com todas essas lembranças, finalizamos a semana com a certeza de que o Grêmio Politécnico está presente na história brasileira e a participação dos estudantes, nas suas instituições representativas, é o caminho mais curto para a tentativa de uma transformação política e social do país.

(1) Uma placa com a íntegra da Carta foi inaugurada durante a semana pelo Ministro Miro Teixeira e está afixada no GP.

BOLO CENTENÁRIO

Luciana Rangel Antunes de Castro
Produção - T02

Às 7 horas e 30 minutos da sexta-feira da semana de comemorações estava sendo montada a primeira mesa que faria suporte ao "bolinho" de aniversário do Grêmio. No estacionamento do biênio, nada menos que 100 metros de bolo começavam a ser confeccionados. Com a ajuda de muitos alunos que passavam por ali, foram montadas e forradas as mesas, embaixo de um chuveiro chato que não parava de cair. Mas felizmente o tempo resolveu ajudar e o bolo começou a ser montado, com a ajuda do pessoal da Dona Benta Alimentos, que deu esse presente ao Grêmio. Foram horas de trabalho para cobrir e decorar toda a massa, enquanto o pessoal ia chegando e se esquentando com o vinho quente e o choconhaque que estavam sendo vendidos. Todos estavam se preparando para o corte, alguns vieram com caixas, sacos e bandejas improvisadas.

Perto das 16h, foi cantado o tradicional "Parabéns e o bolo foi cortado, ou melhor, devorado em minutos. Em pouco tempo, iniciou-se uma "guerra de bolo", e várias pessoas ficaram com marshmallow no rosto, inclusive o pessoal da gestão do Grêmio. Tudo em clima de festa e brincadeira, que acabou em cervejada.

Foi uma festa de alunos, professores, funcionários e comunidade local. Foi gratificante ver a felicidade de algumas crianças presentes comendo o bolo e levando caixas do mesmo para casa. Foi bom ver vários alunos, ajudando a montar e desmontar a estrutura, mesmo embaixo de chuva, participando de uma ação coletiva. Um exemplo de que, com cada um fazendo a sua parte, conseguimos fazer uma festa divertida e organizada, para quebrar um pouco da rotina estressante da faculdade e comemorar o centenário do Grêmio Politécnico.

Outra impressão que ficou, comparando o número de presentes no bolo e nos debates/palestras durante a semana, foi que para o politécnico, so o que é espetáculo importa. Um bolo de 100 metros? Vamos todos ver. Um debate? Uma palestra? Um bate-papo? Não, isso não é interessante. Pensar, discutir ideias, buscar soluções para o meio ao qual pertencem, parecem ser atitudes desprezadas pela maioria dos estudantes da Poli. Como foi falado pelo professor "Mindim" (no debate sobre a luta pela democracia), os politécnicos são e gostam de ser "bundões". Não questionam, não opinam, só vêm na faculdade um modo de ganhar a vida e adquirir "status". Mas é justamente o contrário que a "Semana do Centenário" quis mostrar: que ainda há gente que acredita que as coisas possam ser diferentes e luta por tempos melhores. Há cem anos ... a que sejam por muitos outros.

POLÍTIC@

2004 e a Mulher: Uma oportunidade de reflexão

Mulheres polític@ debatem uma faculdade menos machista: Nada precisa ser assim

Fernanda Nery
Minas - To2
Karina Neves
Civil - To2

Somos acostumados a acreditar que durante toda a história o Homem sempre se comportou da maneira como estamos acostumados a ver o Homem se comportar desde que nascemos. Mas uma breve visão sobre a história da humanidade, ainda que bem superficial, mostra a existência de inúmeros tipos de estruturas sociais e econômicas bem diferentes dessa em que vivemos.

O ser humano habita a terra há mais de dois milhões de anos, e durante mais de dois terços desse tempo passamos nas culturas de caça e de coleta a pequenos animais, organizadas na forma de cooperativas, sem um poder centralizado. As relações entre as pessoas eram fluidas e igualitárias. Nessas sociedades não havia a necessidade, e em consequência a valorização, da força física e portanto as mulheres ocupavam um papel central. Durante todo esse tempo a mulher foi considerado um ser sagrado por sua fertilidade, que era o privilégio de reproduzir a espécie, e não se conhecia o papel do homem na reprodução.

Nos lugares em que a coleta é escassa ou onde vão se esgotando os recursos naturais é que toma lugar a sociedade de caça a grandes animais. Para sobreviver as sociedades tem que guerrear entre si pelos recursos escassos, surgindo então a competitividade que coloca a força física num lugar mais relevante na estruturação social. Nesse contexto a cultura se adapta para mitigar a guerra de forma a incentivar a sobrevivência e supremacia de determinado grupo. Com o aumento das guerras e da escassez há ainda uma pressão pelo desenvolvimento da produção bélica e de métodos de cultivo, ou seja, por desenvolvimento tecnológico que está intimamente ligado ao domínio cultural. É nesse período em que começa a se esboçar uma divisão sexual do trabalho e o homem começa a desenvolver um poder cultural em contraposição ao poder biológico feminino, aumentando as guerras e quebrando a ligação do Homem com a natureza.

As mulheres foram as primeiras a descobrir os ciclos da natureza porque podiam compará-los com o ciclo do próprio corpo. Foram também as primeira plantadoras e ceramistas, mas foi o homem que sistematizou as atividades agrícolas com a invenção do arado, fato esse que deu origem a era agrária.

Na era agrária, houve a fixação do homem à terra, o fim do nomadismo. Começam a se estabelecer as primeiras aldeias, depois as cidades, as cidades-estado, os primeiros Estados e os impérios, no sentido antigo do termo. Nessa época já são os princípios masculinos da competitividade e da lei do mais forte que dominam o mundo. O casamento como até tempo atrás vigorava ainda em nosso Código Civil, em que a mulher é proprietária do homem e a herança se transmite através da descendência masculina, só nasceu no neolítico, quando o homem descobriu sua função reprodutora. Nas sociedades anteriores, matricêntricas, não havia necessidade da passagem de poder ou de herança, por isso a liberdade sexual era maior (vemos aí como que questão da sexualidade está intimamente ligada com a questão da propriedade). Assim, a liberdade sexual que antes havia foi suprimida em prol da passagem da herança, já

que m filho de outro homem viria ameaçar a transmissão da herança que se fazia através da descendência da mulher. **A mulher fica, então, reduzida ao âmbito doméstico.** Perde qualquer capacidade de decisão no domínio público, que fica inteiramente reservado ao homem. A dicotomia entre o privado e o público torna-se, então, a origem da dependência econômica da mulher, e esta dependência, por sua vez, gera, no decorrer das gerações, uma submissão psicológica que dura até hoje.

Tanto no mundo ocidental quanto no oriental, as culturas patriarcais iam se sucedendo. No século IV, quando o Cristianismo se torna a religião oficial do Império Romano, até o século X, o Cristianismo vai se sedimentando nas tribos bárbaras europeias. Nessa época,

O ano de 2004 é o Ano Nacional da Mulher. Para que não percamos a idéia original desse acontecimento, como se deu com o dia do trabalho e tantas outras datas, propomos que esse ano seja um ano não de comemoração, mas um ano de reflexão a respeito da condição das mulheres durante toda a história da humanidade e conscientização de que a situação das mulheres reflete a situação da própria sociedade em que vivemos, sendo assim a questão de gênero uma questão não apenas de homens ou mulheres, mas de todo ser social.

Para tanto preparamos uma série de textos para reflexão ao longo desse ano a respeito da condição feminina. O texto dessa edição propõem mostrar um pouco a evolução social histórica que tirou a mulher de um status de igualdade para colocá-la num status de inferioridade e quanto essa manobra que durou séculos foi uma estratégia de dominação cultural e ideológica, transformando e anulando homens e mulheres para melhor servir a um determinado contexto.

ca, apesar da dominação cultural sobre as mulheres inerentes às sociedades patriarcais, as mulheres eram jogadas para o domínio público quando os homens estavam ausentes, em guerras, e voltavam para o âmbito privado, doméstico, quando os homens voltavam.

Na época das cruzadas, quando a Igreja tem seu apogeu e o mundo se prepara para as transformações da Renascença, a mulher tem um papel importante nas artes, nas ciências e na literatura.

Logo após essa época, nos séculos XIV até o XVIII é que começa a sistematização do domínio patriarcal e a repressão do feminino nas estruturação social. O símbolo desse sistematização é a "caça às bruxas".

Há dados dessa época de 600 execuções por ano em algumas cidades da Europa. Em Toulouse, quatrocentas mulheres foram assassinadas num único dia; no arcebispo de Trier, em 1585, duas aldeias foram deixadas apenas com duas mulheres moradoras cada uma. Muitos escritores estimaram que o número total de mulheres executadas subia à casa dos milhões, e as mulheres constituíam 85% de todos os bruxos e bruxas que foram executados. Outros cálculos mostram que o número mínimo de mulheres queimadas vivas é de cem

mil.

Desde época remotas, as mulheres eram as curadoras, as parteiras, detinham todo o saber sobre saúde e anatomia, formando muitas vezes confrarias de mulheres para troca de conhecimentos, conhecimentos esses que mais tarde foram apropriado pelos médicos com o advento das Universidades no sistema feudal.

Com o aparecimento da noção de pátria no século XIII, o poder disperso do sistema feudal é obrigado a se organizar de forma centralizada e para isso usa de métodos políticos e ideológicos.

Esses métodos ideológicos de centralização passaram, prioritariamente, pelo poder cultural da Igreja por meio dos Tribunais de Inquisição, que torturavam e assassinavam os considerados heréticos ou bruxos, aqueles que eram empecilhos à centralização política e ideológica. Essa prática visava predominante as massas camponesas e as mulheres, em que o domínio sobre a sexualidade e o corpo forjaria o futuro trabalhador passivo, alienado do seu trabalho e com todo seu comportamento normatizado. Com o advento dos Tribunais de Inquisição, a cultura se instala de tal maneira na própria personalidade das pessoas que, para sobreviver, os homens e mulheres passam a ser os próprios controladores inconscientes de si mesmo a partir do mais íntimo de suas mentes. Mas essa cultura de centralização e dominação não foi assimilada pelos homens e mulheres da época sem resistência. Fez-se necessário séculos de violência e assassinatos em massa para que o medo se tornasse maior que a vontade de resistir.

A mais bem construída estratégia dos inquisidores foi ligar a transgressão sexual à transgressão da fé, e num mundo teocrático a transgressão da fé está ligada à transgressão política.

É a partir dessa processo que nasce o puritanismo do qual se origina o capitalismo anglo-saxão.

Se nas culturas de coleta as mulheres eram quase sagradas por poderem ser férteis e, portanto, eram as grandes estimuladoras da fecundidade da natureza, agora elas são, por sua capacidade orgânica, as causadoras de todos os flagelos a essa mesma natureza. Aquelas que não tinham a sexualidade ainda normatizada e procuravam impor-se no domínio público, exclusivo dos homens eram consideradas bruxas.

De doadora da vida, símbolo da fertilidade para as colheitas e os animais, agora a situação se inverte: a mulher é a primeira e a maior pecadora, a origem de todas as ações nocivas ao homem, à natureza e aos animais.

No século XVIII, com o fim da Inquisição, a mesma já tinha alterado tanto o comportamento dos homens e mulheres por meio desta cultura do medo, que a sexualidade das mulheres já estava completamente normatizada. As mulheres se tornaram frígidas, pois o orgasmo era "coisa do diabo" e portanto passível de punição, e definitivamente se reduzem ao âmbito privado, doméstico. Agora elas já não têm mais acesso à Universidade e, pela cultura assimilada no seu âmago, começam a passar os valores patriarcais, já introjetados por elas, de dominação e medo para seus filhos. É a perpetuação dessa educação patriarcal pela próprias mulheres em detrimento delas próprias dura até hoje.

Nas próximas edições discutiremos a mulher e seu papel na família, na cultura, no mercado de trabalho, na organização do estado e da sociedade, nos movimentos sociais, dentre outros.

CASA DO POLITÉCNICO

CadoPô ganha vida nova após 10 anos

Processo de revitalização da velha Casa do Politécnico se inicia com grande ocupação

Vitor "Bob" de Carvalho
Ambiental - Toz

A Casa do Politécnico, carinhosamente chamada de CadoPô, é um prédio localizado no Bom Retiro que em outros tempos funcionou como moradia estudantil. Com a saída da Poli da Rua Três Rios – ao lado da CadoPô – e com o passar do tempo o prédio passou a abrigar, de forma desorganizada, os mais variados moradores e teve diversos usos, inclusive a comercialização de apartamentos e o tráfico de drogas. Há dez anos o Grêmio obteve a restituição de posse e, desde então, o prédio esteve sem qualquer uso ou funcionamento, contando apenas com um caseiro.

A atual gestão do Grêmio vê a necessidade de resgatar a vida do prédio e dar a ele um uso que ultrapasse os limites do próprio Grêmio, por entender que a casa é de interesse dos estudantes em geral e da própria comunidade do bairro e da cidade. **Como um Memorial do Movimento Estudantil e um Centro Cultural.** Justamente para discutir e delinear um projeto inicial para a CadoPô e já começar a dar vida ao prédio foi realizada na semana santa a Ocupação Cultural da CadoPô. Essa ocupação contou, desde seu planejamento, com um envolvimento que foi além do Grêmio, com integrantes do Escritório Piloto, de outros Centros Acadêmicos da USP, de pessoas com experiências em atividades artísticas e culturais e pessoas ligadas ao poder público. Tivemos também apoio da Poli e da Usp essencialmente para viabilizar a infraestrutura do evento.



A semana da Ocupação Cultural

A ocupação aconteceu, efetivamente, entre os dias 3 e 8 de abril deste ano, mas já no dia 2, sexta-feira, foi realizado um coquetel com a presença de ex-moradores da CadoPô, ex-integrantes do Grêmio Politécnico, professores e outros convidados. Nesse dia estabeleceu-se um contato entre pessoas que já viveram muitas histórias na CadoPô e os estudantes, artistas e entusiastas que atualmente querem dar vida nova ao prédio.

A partir do sábado, a ocupação foi baseada em temas por dia: Memória e Movimento Estudantil, Extensão e Reforma Universitária, Políticas Culturais, Movimentos Sociais e O Centro de São Paulo. As atividades foram organizadas em dois períodos. Na parte da manhã, coordenada pelo Escritório Piloto, ocorreram atividades como visitas para conhecimento do entorno – conversas com moradores e comerciantes, visitas a escolas, igrejas, restaurantes, contato com organizações de moradores – coleta de dados na subprefeitura, aula sobre o bairro. Depois do almoço realizaram-se as discussões acerca dos temas levantados que permitiram a visualização das perspectivas de uso da CadoPô e um maior entrosamento entre os



grupos envolvidos. E é claro que não podiam faltar as manifestações artísticas, como as apresentações musicais, o trabalho de grafite, teatro, filmes e todas as atividades que puderam dar uma mostra do potencial do prédio para ser um local que possibilita o convívio do frequentadores com as diversas formas de arte.



GESTÃO

Esclarecimento aos politécnicos

A gestão do Grêmio eleita no final de 2003 tinha princípios fundamentais, determinados pelas características dos seus membros e pela situação que a entidade vivia naquela época.

O Grêmio, em suas últimas duas gestões, à medida que estreitava seus laços com o movimento estudantil fora da Poli e buscava um conhecimento aprofundado das origens e razões políticas e sociais da sua existência, afastava-se do dia-a-dia do politécnico, gerando uma insatisfação com a gestão, que por fim transcendia para a própria visão da entidade.

A gestão eleita diferenciava-se das demais à medida que, por um lado aceitava a vocação política que o Grêmio sempre carregou ao longo dos seus 100 anos, e por outro buscava resgatá-lo ao posto de referência na Poli, através da promoção de atividades, festas, debates e organização interna.

As dificuldades se puseram desde o início. Do ponto de vista administrativo, não havia dinheiro para pagar as dívidas diversas que existiam, tampouco os integrantes tinham gerido alguma entidade estudantil até o momento. Havia diversas dívidas tributárias (referentes até a década de 60) e processos trabalhistas devidos a problemas no extinto Centro de Idiomas do Grêmio. Chegou-se a penhorar na justiça um sofá velho por R\$ 300,00, apenas para ganhar tempo de negociação, bem como o único computador que sobra para o início do ano (outros foram roubados ou leiloados no ano anterior).

Embora não o considerássemos uma forma ideal de financiamento, foi necessário reestruturar o Poliglota Idiomas. A qualidade dos cursos melhorou significativamente e ele expandiu, dentro de limites definidos. Ao passo que a reestruturação interna ocorria, foi iniciado um processo de revitalização da Cadopó (Casa do Politécnico), que tinha por horizonte tornar o prédio, abandonado e intocado por gestões do Grêmio há anos, um espaço vivo, de alguma forma referência para a USP e para a cidade e também útil financeiramente para o Grêmio.

Ainda em paralelo a estas questões, a questão do Cursinho da Poli já era muito delicada. Havia um claro interesse da sua coordenação em promover um desvencilho completo e, desde o fim de 2003, muita pressão foi feita para que a gestão facilitasse o processo. No entanto, o Cursinho é um projeto que nasceu do Grêmio e não se poderia quebrar as amarras,

por mais frouxas que já eram, mantendo o nome do Grêmio vinculado a um projeto que, como viríamos a entender, não se justificava mais do ponto de vista social. Após muito tempo em discussões (lá e cá) e um debate na Poli, tornou-se claro que os ideais são incompatíveis, notando-se inclusive o projeto de uma faculdade que a coordenação do Cursinho possui.

Com todas essas (e outras) questões, tão diversas juridicamente, o Grêmio contratou, com um baixo custo, um grande escritório de advocacia – um passo importante rumo à organização da entidade: em breve será entregue uma completa auditoria tributária e trabalhista, necessária ao futuro da entidade.

Em alguns pontos a gestão entende que falhou. Destaca-se a falta de organização que resultou nos atrasos da edição deste jornal, do Bixopp (para o segundo semestre) e da Festa Junina, que iria acontecer ainda este semestre com a ajuda de centrinhos e Atlético. Com a greve na USP, todas as entidades envolvidas comprometeram-se a realizar a festa em agosto (dia 13), para minimizar os prejuízos. Do ponto de vista da comunicação, certamente muito precisa ser melhorado – os Informativos e cartazes não bastam: é preciso manter o site (www.gremio.poli.usp.br) atualizado e trabalhar para lançar o Jornal com maior periodicidade, embora sua equipe não esteja vinculada diretamente à gestão e tenha certa autonomia.

Desde o princípio houve uma preocupação grande com as atividades culturais: a tradicional SAPO vem sendo planejada por uma comissão desde o princípio do ano, promovendo inclusive atividades como a Puxa-Sapo, um dia de eventos culturais em diversos prédios da Poli. Também se casou esse interesse como de revitalizar a Cadopó ao se promover lá duas ocupações culturais.

Essas ocupações são essenciais para a pretensão do Grêmio de obter, junto à prefeitura, o perdão da grande dívida herdada. Para tanto, é fundamental uma contrapartida social que justifique esse investimento do poder público – daí a necessidade de pensar junto a diversas entidades e grupos da cidade uma ocupação contínua do espaço, revitalizando-o.

Apesar do adiamento do Bixopp e da Festa Junina, foram realizadas as cervejadas do Nabo e as festas do fim de 2003 e dos bixos neste ano, que foram também bem sucedidas, em que pesem alguns problemas de organização.

Prestação de contas (março-abril)

A tesouraria do Grêmio vem passando por uma longa restauração, após um período difícil de dívidas e falta de verbas entre 2002 e 2003. Em Dezembro de 2002 e Janeiro de 2003, os salários e as férias dos funcionários (prioridade máxima) foram adiados.

Grande parte dessa restauração foi iniciada na gestão passada, e agora está sendo continuada e aprimorada. A situação jurídica dos funcionários (férias, FGTS, etc.) já foi resolvida completamente. O Poliglota, praticamente a única fonte de renda do Grêmio, está agora em condições de gerar uma receita segura. O Grêmio está terminando esse semestre com uma reserva em caixa relativamente confortável, possibilitando pagar algumas dívidas e buscar, no segundo semestre, melhorar a infra-estrutura do poliglota, vivência e Grêmio.

O que mais ameaça o Grêmio são as dívidas e execuções. A maioria delas diz respeito a processos trabalhistas antigos referentes ao Cursinho da Poli, na época em que o cursinho ainda não possuía uma

gestão "independente" do Grêmio. Esses processos são bastante antigos, datando desde a década de 1970, por isso a incidência de juros agrava ainda mais a situação. Outra grande parte desses processos dizem respeito a tributos não pagos por gestões passadas. Em relação à dívida de IPTU da Cadopó, esperamos conseguir o perdão ou negociá-la junto ao projeto de revitalização do prédio. Para conhecer melhor todas essas dívidas do Grêmio, iremos futuramente realizar uma auditoria jurídica. Assim, poderemos negociar melhor a resolução de todas as execuções sofridas pelo Grêmio.

O sistema de organização das contas do Grêmio também está passando por modificações. Apresentaremos uma prestação de contas mais precisa e abrangente futuramente.

Saudações universitárias,

Grêmio Politécnico.

Em relação à representação discente (RD), houve uma integração com o Grêmio na medida em que os principais pontos relativos às comissões foram discutidos em reunião geral. No entanto, a relação com os RCs e representantes discentes dos departamentos era fraca. Esta questão foi apontada por muitos como um defeito na atuação e houve uma ação no sentido contrário: foi organizado o 1º Encontro de RCs e RDs, que contou com a presença de trinta representantes, para discutir os pontos específicos dos departamentos e os comuns, no âmbito da Poli e da USP. Discutiu-se, entre outros, o POLI2015, programa da diretoria que deve ser amplamente discutido junto aos alunos.

Um ponto polêmico do fim deste semestre é a greve na USP: o Grêmio, por entender que o assunto é extremamente delicado, convocou uma assembléia geral. Por falta de tempo e cooperação da diretoria da Escola, que impediu que o informativo sobre a greve fosse rodado na gráfica da Poli e divulgado na Intranet, a divulgação não foi a ideal. Embora não tenha tido um quórum bom, as cerca de 150 pessoas presentes aprovaram o apoio à greve de professores e funcionários, o que desagradou muitos outros politécnicos que não estavam presentes. Assim, uma segunda assembléia foi convocada, e cerca de 400 estudantes discutiram e opinaram sobre a greve.

As diversas dívidas que tem o Grêmio deixam gestão reciosa de realizar muitas grandes atividades, pois juridicamente caracteriza má fé o uso da verba existente para atividades recreativas quando se tem tantas dívidas: assim, à medida em que "se acerta a casa", pode-se também ir realizando atividades mais visíveis. Atendem para a prestação de contas junto a este texto.

Com os avanços e com as dificuldades citadas acima, esta gestão vem gerindo o Grêmio, certa de que nunca agradará gregos e troianos. Por isso, a questão da representatividade está colocada para discussão: quem não está satisfeito com os rumos da entidade, que apareça nas assembleias e nas reuniões gerais – as críticas são sempre bem vindas, desde que propositivas e não embebedas de má fé e, principalmente, por aqueles que não só criticam, mas também trabalham por aquilo que acreditam.

Relatório Financeiro - Março/Abril de 2004

		Março	Abril
Saldo inicial		R\$ 21.849,84	R\$ 83.734,50
Receitas			
Poliglota		R\$ 105.430,93	R\$ 70.945,67
Despesas			
Bancárias	Impostos, juros, manutenção	(R\$ 2.885,34)	(R\$ 807,99)
	cheques bloqueados/devolvidos	(R\$ 5.134,00)	(R\$ 2.434,00)
Funcionários, Advogado, Contador	Salário, Transporte, Refeição, Férias	(R\$ 7.190,29)	(R\$ 10.533,65)
	Impostos (INSS, PIS, FGTS)	(R\$ 5.293,47)	(R\$ 1.508,09)
Poliglota	Professores/Coordenador	(R\$ 8.591,65)	(R\$ 18.463,80)
	Devolução de matrícula	(R\$ 3.692,67)	(R\$ 4.223,40)
Cadopó	água, luz, IPTU		(R\$ 430,89)
Eventos/Outros		(R\$ 10.751,85)	(R\$ 6.365,04)
Saldo final		R\$ 83.734,50	R\$ 109.813,31
Dívidas do Grêmio			
INSS - somatório de dívidas confessadas (período de 1982 a 2002)			(R\$ 474.153,00)
INSS - somatório de dívidas cobrança judicial (período de 1969 a 1980)			(R\$ 88.982,50)
IPTU - Casa do Politécnico (dívida atualizada)			(R\$ 573.000,00)
(ainda não há previsão das dívidas referentes a processos trabalhistas)			

FUNDAÇÕES

Fundações Privadas na Universidade Pública

“É ruim trazer a lógica privada para o público porque gera toda uma expectativa, inclusive de concorrências e de apropriação dos meios de produção que não são compatíveis com a estrutura pública.”

Marlon Weichert, procurador da República, em sua apresentação na reunião do GT Fundações, dia 23/04/2003.

José Luiz Torres Junior
Naval - T01
membro da gestão Travessia (03/04) do DCE-Livre da USP “Alexandre Vannucchi Leme”

Neste primeiro semestre de 2004, deve ocorrer mais uma tentativa de regulamentação das fundações, ditas de apoio. Elas são entidades de caráter privado que funcionam como os grandes instrumentos de implementação e proteção da lógica privada dentro da Universidade Pública.

As fundações surgiram na USP, em 1972, com a criação da Fundação para o Desenvolvimento Tecnológico da Engenharia (FTDE) por professores da Escola Politécnica. Desde então, elas foram se multiplicando, e hoje, somam mais de 30 entidades de caráter privado atuando no interior da USP, quase que exclusivamente nas áreas de grande apelo mercadológico. Na Poli, além da FTDE, existe a Fundação Vanzolini (FCAV), ligada ao departamento de Produção e a FCTH, ligada ao departamento de Hidráulica.

Utilizam-se dos argumentos de que são excelentes captadoras de recursos, enquanto, seus repasses representam menos de 2% no montante do orçamento da USP, e de que dinamizam os processos, retardados por uma “lenta” burocracia, enquanto, os que apropriam-se desse argumento compõem a maioria dos conselhos da USP, e consequentemente, são responsáveis, estatutariamente, por uma eventual reforma administrativa para tentar legitimar sua presença.

A razão para a presença delas é simples: apropriação de espaço, verba, benefícios e especialmente conhecimento público para fins pessoais. Por estar ligada a USP, a FIPECAFI (fundação ligada ao Dep. de Contabilidade da FEA) prestou 11 serviços ao governo entre 1997 e 99, dez sem licitação. Na FEA e na Poli, professores chegam a ganhar “complementações salariais” cinco vezes maiores que seu ordenado. Não é a toa que o estacionamento da Poli fica lotado a noite, mesmo não havendo aula noturna nessa unidade, e que a FEA possua corredores de uso exclusivo das fundações. São os chamados cursos pagos (chegam a ultrapassar o preço de R\$30.000,00) que essas entidades oferecem.

Com o passar dos anos, essas entidades, funcionando com lógica privada, passaram a ganhar força dentro da burocracia universitária. Como foi dito, grande parte das instâncias de decisão da Universidade são compostas por servidores que possuem um alto cargo ou grande influência nas fundações. É possível observarmos departamentos completamente viciados, como o Departamento de Contabilidade da FEA e o de Engenharia de Produção na Poli, onde todos os docentes são ligados às fundações, respectivamente a FIPECAFI e a Vanzolini.

Aproveitando-se desse claro conflito de interesses, membros dessas entidades vem adequando o funcionamento interno da USP para um bom funcionamento das fundações. É o caso da flexibilização do RDIDP (Regime de Dedicção Integral à Docência e a Pesquisa) em 1989, sob a Reitoria do Prof. José Goldemberg, que permite com que professores que tenham assinado contrato de exclusividade com a Universidade tenham horas livres para trabalhar para outras entidades, especialmente as fundações. Na prática, criou-se

a categoria de docente exclusivo mas não-exclusivo.

A reitoria de Jacques Marcovitch, tinha como claro objetivo a regulamentação das fundações. Porém, a mobilização de diversos setores da Universidade, em especial a estudantil, impediu a realização da meta de um dos principais docentes da FIA (entidade que movimentava um orçamento 3 vezes maior que o da FEA) e também Reitor. Em junho de 2001, o Conselho Universitário (CO) tinha como principal pauta a regulamentação das fundações, porém os estudantes ocuparam a sessão do CO, reivindicando maior debate da comunidade acadêmica sobre o assunto, impediram o prosseguimento da sessão, e do que seria um grande passo para a privatização da Universidade.

Ainda sob gestão Marcovitch, em setembro de 2001, a sessão do CO, marcada estrategicamente para a semana da Pátria (quando não ocorre aula na USP), voltava a ter como ponto de pauta a regulamentação, porém, novamente, através de um enorme “abraço” na Reitoria, os estudantes conseguiram impedir que Marcovitch alcançasse sua meta pessoal de aprovar o relacionamento das fundações com a USP, sem o menor debate com a comunidade acadêmica.

O atual Reitor, Prof. Adolpho Melfi, através do CO, criou, em 2002, a Comissão Especial de Fundações, que em seu relatório final pedia a criação do Grupo de Trabalho sobre Fundações (GT Fundações), que trabalhou durante o primeiro semestre de 2003. O GT, já era uma grande conquista dos setores que reivindicavam um maior debate na comunidade acadêmica, porém, não foi o suficiente. A composição do GT ignorava o sindicato dos servidores não-docentes da USP, além de contar com pouca participação estudantil. Sem esquecermos o fato, da alta presença de professores ligados às fundações, porém em menor grau que o CO.

Dentro dos debates travados no GT, ficou claro a falta de informações sobre essas entidades, a incapacidade de Universidade/Estado de fiscalizá-las e os sérios danos acadêmicos que essas entidades vem trazendo para o chamado tripé universitário. É de se destacar, o depoimento do procurador da República, Marlon Weichert, que deixa claro que as fundações levam as Universidades a agir de forma inconstitucional.

Ao final do GT, foram apresentados, ao Reitor, um relatório de maioria e outros três relatórios: DCE, APG (Associação de Pós-Graduandos) e ADUSP (Associação dos Docentes da USP). Enquanto que o relatório da maioria vê pontos positivos na atuação das fundações, nos cursos pagos e na flexibilização do RDIDP, os relatórios de minoria manifestam-se contra essas práticas defendendo a Universidade pública, gratuita e de qualidade, e do compromisso dessa com o ensino, pesquisa e extensão.

Os relatórios foram encaminhados para as congregações das faculdades, para eventuais comentários e propostas de alteração, para assim retornar ao CO. Porém, o que se viu, em diversas unidades, foram congregações abstenendo-se de tão importante discussão e jogando a decisão para o CO, onde sofrerá alterações a facilitar, ainda mais do que prevê o relatório, o funcionamento das fundações pelo conflito de interesses claro que encontra no CO. É importante que dizer que aproximadamente 1/3 dos membros do CO também possuem altos cargos nas mais diversas fundações, e que mais da metade são ligados, de alguma forma, a elas.

No próximo dia 4 de maio ocorrerá um CO no Anfiteatro Camargo Guanieri para a apresentação dos relatórios e propostas das congregações. Em Assembléia Geral dos Estudantes foi decidido a construção de um calendário visando potencializar nossa intervenção neste Conselho Universitário. Será permitida a presença de todos, porém devemos cobrar também que possamos participar da decisão de tão delicado tema. O CO apesar de estar sendo adjetivado como aberto, continuará a tomar decisões no ambiente restrito e hegemônico dos professores titulares, que em boa parte pertencem às fundações.

Diante de tão importante discussão, foi retomado no DCE, o grupo de trabalho de fundações dos estudantes, onde nos reunimos visando um aprofundamento da discussão, a realização de debates, a produção de materiais, etc...

Para maiores informações procure o Grêmio Politécnico ou o DCE.

Entidade	Receita total
Zerbini	R\$ 153.473.629,47
Faepa	R\$ 75.071.213,15
Fia	R\$ 56.471.298,01
Fipe	R\$ 29.246.423,74
Fundherp	R\$ 27.198.164,49
Fipecafi	R\$ 26.855.669,00
FFM	R\$ 22.231.773,72
Funcraf	R\$ 21.391.951,90
FCAV	R\$ 18.978.476,42
Fundace	R\$ 5.334.508,90
Functo	R\$ 4.449.695,82
FUSP	R\$ 3.378.785,03
Fipai	R\$ 2.991.818,48
Fipharma	R\$ 2.485.191,15
Fundespa	R\$ 1.930.705,46
FAFQ	R\$ 1.699.402,30
Fealq	R\$ 1.452.579,27
Fupam	R\$ 1.086.003,00
Fafe	R\$ 738.411,42
Funorp	R\$ 630.255,71
Funbeo	R\$ 315.167,02
Fumvet	R\$ 243.374,12
Fierp	R\$ 139.932,53
Arcadas	R\$ 18.050,00
FAC	R\$ 2.078,03
TOTAL	R\$ 457.814.558,14

OBS: O Repasse das fundações à USP foi de 1,5% do orçamento da USP em 2000.

ENTREVISTA

Idealizadora da FEBRACE fala sobre ciências e educação

Leonardo Ramos Pereira
GAE - T03

Entre os dias 10 e 13 de março deste ano, aconteceu, na Escola Politécnica, a FEBRACE (Feira Brasileira de Ciências e Engenharia) que reúne projetos de diversos estudantes do Ensino Médio nas categorias de ciências agrárias, ciências biológicas, engenharias, ciências exatas e da terra e ciências humanas. O evento ocorreu ao lado do prédio da administração em sua segunda edição - no ano passado, ele ocorreu no mesmo local entre os dias 12 e 15 de março. Além da excelentíssima qualidade dos projetos apresentados (muitos deles de nível universitário e premiados por instituições nacionais e internacionais) a feira é um estímulo à formação e à aprendizagem, tanto para os que apresentam seus trabalhos quanto para os visitantes. Enfim, acontecimentos como a FEBRACE traz à tona assuntos bastante interessantes à sociedade em geral e, especificamente, à comunidade política: ciências e educação.

Vale lembrar que realizações como esta atraem professores e estudantes de todo o país que, após visitar a FEBRACE na POLI levam consigo uma imagem da Escola Politécnica intimamente vinculada a respeito e admiração, chegando inclusive a influenciar a escolha de carreira do pré-universitário.

Entrevistamos aqui, a Prof.^a Dr.^a Roseli de Deus Lopes do PSI (Departamento de Sistemas Eletrônicos e Digitais da POLI) e uma das idealizadoras do evento.

OP: Gostaria, inicialmente, que a professora se apresentasse formalmente e contasse um pouco de sua história.

Sou Roseli de Deus Lopes, Professora do Departamento de Engenharia de Sistemas Eletrônicos da EPUSP. Me formei em 1987 em Eng. Elétrica. Fiz mestrado e doutorado na EPUSP. Desde o final do primeiro ano da graduação atuo em atividades de pesquisa e desenvolvimento em temas relacionados a Computação Gráfica (hardware e software). Atualmente coordeno o Núcleo de Aprendizagem/Trabalho/Entretenimento (NATE) do Laboratório de Sistemas Integráveis (LSI) da EPUSP.

OP: Qual a função da professora na FEBRACE e em que tal função consistia?

Fui a coordenadora geral da 1.^a e 2.^a FEBRACE's. A coordenação geral é responsável por mobilizar voluntários para todas as atividades necessárias para viabilizar a feira.

OP: Quantas pessoas estão envolvidas em um acontecimento científico deste porte?

Neste ano foram selecionados como finalistas 198 projetos de 20 estados brasileiros, totalizando 459 estudantes, 192 professores orientadores e 56 co-orientadores.

OP: Professora, submos que a senhora foi uma das idealizadoras do evento. Quando e como começou tudo isso?

Tudo começou quando a INTEL do Brasil entrou em contato com alguns pesquisadores de universidades brasileiras em busca daqueles que se interessassem em participar como avaliadores no comitê internacional na ISEF (International Science and Engineering Fair). Enviei meu currículo e fui escolhida pelo comitê. Em 2001, ao participar da avaliação em São José fiquei impressionada com a riqueza da experiência proporcionada aos aproximadamente 1200 jovens de aproximadamente 40 países que participam como finalistas da ISEF. Imediatamente procurei a INTEL Foundation e o representante da área de Educação da INTEL do Brasil, Sr. Ruy Castro, em busca de patrocínio para fazer uma feira semelhante só que para estudantes universitários. Eles disseram que para universitários não tinham interesse mas que se fosse para selecionar representantes brasileiros (estudantes de 8.^a série do Fundamental, do Ensino Médio e Ensino Técnico) poderiam apoiar. Achei interessante pois poderíamos estimular a descoberta de talentos e habilidades mais cedo e assim proporcionar uma escolha mais consciente de uma

profissão ou curso superior. Assim comecei a pensar no formato e no nome. Cunhei então o nome Feira Brasileira de Ciências e Engenharia, fiz uma proposta para a INTEL do Brasil, para a Escola Politécnica e para a USP para que apoiassem a iniciativa da 1.^a FEBRACE, o que foi prontamente aceito em meados de 2002. Minha equipe de pesquisa se engajou como voluntária e juntamente com o apoio do Coordenação de Eventos da EPUSP começamos a divulgação da chamada de projetos para a FEBRACE 2003 que aconteceu na EPUSP em março de 2003.

OP: Gostaria que a senhora fizesse um comentário sobre a evolução dos projetos apresentados ao longo dos anos. Também é importante comentar a evolução de outros aspectos como ajuda, divulgação, reconhecimento por parte das pessoas e da comunidade e fazer uma comparação dos seus anos com este ano.

Em 2003, foram selecionados 93 projetos finalistas de 13 estados brasileiros. Em 2004, além do número de submissões ter aumentado, a qualidade dos relatórios submetidos também foi significativamente superior, donde foram selecionados 198 projetos de 20 estados brasileiros. Acreditamos que o aumento da abrangência territorial e da qualidade dos projetos foi consequência direta da repercussão do sucesso da primeira FEBRACE. Além do apoio da TV Globo, TV Cultura e TVUSP divulgando a vinheta com a chamada de projetos, tivemos uma ampla cobertura pela mídia impressa e eletrônica, tanto da FEBRACE 2003 como da participação dos estudantes selecionados na FEBRACE para representarem o Brasil na ISEF 2003. Um dos seis projetos representantes, inclusive ganhou um prêmio da American Society of Artificial Intelligence, além de ter tido destaque na mídia impressa e televisiva nos EUA referente a ISEF.

OP: Qual a opinião da professora sobre o estímulo oferecido aos estudantes por eventos como a FEBRACE? Existem outros incentivos deste tipo no país que a professora já tenha ouvido falar?

No passado tivemos alguns movimentos importantes do tipo feira de Ciências mas que infelizmente não se firmaram. Atualmente temos alguns exemplos isolados que precisam ser multiplicados para que possamos ampliar as oportunidades para todos os estudantes brasileiros. Daí a extrema importância de uma Universidade pública como a USP abrigar uma iniciativa como esta, pois somente assim acredito que seremos capazes de articular um movimento de feiras com qualidade e credibilidade que possam estimular os jovens e seus professores a exercitarem a Ciência e a Engenharia desde cedo nas Escolas e assim gerar não só a descoberta e aprimoramento de talentos e habilidades mas principalmente gerar uma Escola Transformadora com cidadãos conscientes de seus potenciais e responsabilidades para a solução de seus problemas.

OP: O que mais atrai a professora em uma iniciativa deste tipo?

Me sinto realizada por estar proporcionando esta oportunidade para jovens e professores de todo o Brasil. Acreditamos e temos provas concretas já nestas duas primeiras edições da importância deste tipo de iniciativa para estimular e valorizar vocações em Ciências e Engenharia. Tem sido uma árdua tarefa viabilizar esta iniciativa, principalmente dando um salto tão grande da primeira para a segunda FEBRACE em que mais do que dobramos a feira.

OP: A professora achou satisfatório o número de pessoas que visitaram a FEBRACE? Acha que mais politécnicos poderiam ter vindo ao evento?

Ficamos satisfeitos com o número de visitantes, inclusive com o de visitantes politécnicos. Certamente o número de politécnicos poderia ter sido muito maior por termos feito o evento no meio da Escola Politécnica. Esperamos que no próximo ano possamos atingir um número maior de visitantes pois a interação com os estudantes e professores finalistas traz benefícios para ambos, expositores e visitantes, criando situações de

interações espontâneas que podem viabilizar e ampliar idéias, projetos, oportunidades de vida.

OP: Por desenvolver tal iniciativa, percebe-se que a professora deve ter uma atenção especial quando desenvolve tal evento. Existe algum momento que tenha marcado a professora? Qual?

Após a feira fazemos um trabalho de acompanhamento para identificar qual o impacto da participação da FEBRACE na vida dos estudantes, dos professores, das escolas, das comunidades e aí tantas são as histórias que estamos preparando um livro com o material reunido. Por exemplo, neste ano, encontrei dois participantes da FEBRACE 2003 que estavam visitando a feira. Eles se aproximaram de mim para me cumprimentar e disseram "... sabe, entramos na USP neste ano...". Eu respondi, "... não entendi, vocês estão na USP? ..." Eles complementaram: "... entramos na USP, "... um na Física e o outro na Pedagogia...". Achei o máximo, um estudante e um professor do Sul de Minas que participaram da FEBRACE em março de 2003 agora eram estudantes da USP. Fiquei muito feliz pois talvez tenhamos tido uma participaçãozinha neste feito. Queremos provocar o maior número de estudantes e professores para que descubram seus talentos e adquiram auto-estima para buscarem a realização de seus sonhos.

OP: E sobre os projetos? Nos anos em que foi realizada a FEBRACE, a quais projetos a professora daria destaque?

Todos os estudantes e professores que nos brindaram com suas presenças são incríveis. Eles são o que realmente importa, talentosos e excelentes multiplicadores da cultura científica e de desenvolvimento tecnológico. Quanto aos projetos é difícil escolher sobre quais falar, mas já que insiste... no ano passado foram selecionados para a feira internacional seis projetos. Um deles foi o Robô Peixe, um projeto de um robô no formato de um peixe realizado por dois jovens de duas escolas diferentes. Amigos desde a infância, a partir da chamada da FEBRACE eles se juntaram para fazer um projeto justamente por perceberem que tinham habilidades e conhecimentos complementares. Decidiram resolver o problema de coleta de material para verificar o nível de contaminação de um lago próximo ao lugar em que moram, só que queriam aproveitar para exercitar algo biônico. Decidiram começar com um peixe pois além de ser um animal mais simples se encaixava muito bem na ideia de coletar amostras num lago. Este projeto ganhou diversos prêmios na FEBRACE e também ganhou um prêmio na ISEF pois representou um exemplo de projeto em que os estudantes realmente exercitaram o método de engenharia. Identificaram um problema, estudaram alternativas, criaram uma alternativa, desenvolveram estratégias, implementaram, testaram, registraram todas as etapas desde a concepção num diário de bordo e apresentaram a evolução e os resultados num relatório escrito, num pôster, e oralmente.

OP: Gostaria agora que a professora fizesse qualquer comentário pertinente à feira que, talvez, eu tenha esquecido de perguntar, o que a senhora gostaria de dizer às pessoas que lerão o jornal, além de ressaltar a importância de se valorizar feiras de ciência como a FEBRACE.

Adotamos como temas focais da FEBRACE a criatividade e a inovação. Inovar passa por provocar desde cedo à criatividade dos indivíduos. Consideramos fundamental estimular a abordagem de aprendizagem baseada na realização de projetos utilizando método científico/engenharia em todos os níveis educacionais. As feiras funcionam como elementos motivadores pois abrem espaço para valorização dos estudantes além de criarem situações de interação estudante-estudante, estudante-professor, professor-professor e Escola-comunidade que podem gerar diversas oportunidades para geração de soluções para os problemas das comunidades.

MOBILIZAÇÃO

Greve na USP..... e a Poli?

Maio é o mês em que os professores e funcionários das universidades estaduais paulistas têm reajuste salarial. Neste ano as negociações entre o Fórum das Seis (entidade que reúne os sindicatos de professores e funcionários da USP, UNICAMP e UNESP) e o CRUESP (Conselho de Reitores das Universidades Estaduais Paulistas) não surtiram efeito e os sindicatos, após diversas tentativas de conseguirem algum reajuste, aprovaram greve. A pauta: 16% de reajuste salarial referente às perdas pela inflação e aumento da contribuição em 5% para a previdência estadual, aumento do auxílio-alimentação e aumento do repasse do ICMS do estado para as universidades, de 9,6% para 11,6%.

Os sindicatos encararam os sucessivos "reajustes" de 0% como uma afronta, e a greve na USP começou de forma intensa, principalmente entre funcionários. As justificativas do CRUESP eram o imenso comprometimento da folha de pagamento das universidades com folha de pagamento, que chega a 96% na UNICAMP. Tal fato impediria o reajuste na USP porque vigora, nas universidades, uma política de isonomia salarial, ou seja, funcionários e professores do mesmo escalão devem receber o mesmo salário.

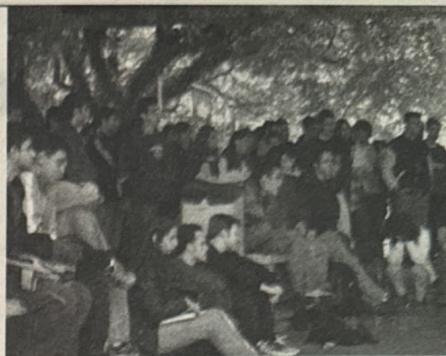
A greve avançava nas diversas unidades na USP, mas na Poli o movimento se manteve restrito a poucos funcionários e professores. De início, os alunos poucos sabiam o que se passava. À medida que se comentava mais da greve, maior era a necessidade de esclarecimento geral, principalmente após os departamentos de engenharia Naval e, posteriormente, de Materiais, paralisarem completamente as aulas de graduação.

Foi realizada uma primeira assembleia dos estudantes da Poli, em 25/5, com cerca de 150 pessoas, que

declarou apoio à greve. Após novos fatos, como o veto da diretoria da Poli em rodar informativo, e algumas manifestações contrárias à greve surgirem, tornou-se necessário realizar uma nova assembleia: esta contou com cerca de 400 estudantes, e reiterou apoio à greve. A votação que se sucedeu, por 1 dia de paralisação para debates sobre os temas da greve, terminou empatada em 176 votos, e a se encaminhou a questão para um plebiscito. A deliberação da assembleia geral de estudantes de entrar em greve foi rechaçada pelos alunos da Poli. Assembleias dos alunos da elétrica e da química reprovaram a greve dos professores e funcionários.

Atualmente há alguns professores e funcionários em greve, no entanto não há um movimento consistente na Poli. É de praxe: quando há greve, páram-se apenas as aulas de graduação, que causam maior visibilidade. A pesquisa e extensão continuam a pleno vapor – e talvez por isso não se consiga tanta adesão dos alunos, pois embora grande parte se preocupe apenas com suas férias, muitos outros se mostraram interessados na resolução dos problemas apontados, como revelou a última assembleia.

Novas informações sobre a greve saem a cada dia: é possível obtê-las nos boletins dos sindicatos, nos jornais da USP e do Campus, nos sites da USP (www.usp.br), Adusp (www.adusp.org), Sintusp (www.sintusp.org.br). Informações e opiniões da greve na Poli, para saber mais, entre em contato através de greve@gremio.poli.usp.br.



Assembleia Reúne 390 pessoas

Cerca de 390 estudantes da Poli, reunidos em assembleia na quarta-feira, 16/06, no vão do biênio decidiram apoiar a greve de funcionários e professores da Universidade de São Paulo. O resultado da votação foi obtido por contraste visual, referendado por membros do Grêmio, CEC, AEQ, CAM, CAEP e CMR, presentes na assembleia. A mesma assembleia decidiu, igualmente por contraste visual, não referendar a decisão da assembleia geral de estudantes da USP do dia 14/06, de declarar greve estudantil. Após essa votação seguiu-se a de realizar ou não um dia de paralisação junto a professores e funcionários da Poli. Para surpresa de todos a votação terminou empatada por 176 votos. Após um período de tumulto, votou-se também por fazer um plebiscito junto aos alunos da Poli para deliberar sobre um dia de paralisação ou não. A proposta de realizar uma nova assembleia em breve, com este intuito, foi der-

rotada. Os centro acadêmicos ficaram encarregados de, em seus respectivos cursos, organizar os plebiscitos, sob a orientação geral de não fazê-lo sem um debate ou sem discussões prévias acerca do tema.

Na quinta-feira, 16/06, houve o debate "A greve, o ensino e o financiamento da Universidade", com a participação do Prof. Dr. Vahan Agopyan (atual diretor da Escola Politécnica), Prof. Ciro Teixeira Correia (Geociências e ex-presidente da ADUSP), Profa. Zilda Iokoi (História, representante dos docentes no Conselho Universitário), Prof. Marco Brinati (Eng. Naval e ex-presidente da ADUSP). O debate que se iniciou às 11:00h contou com a presença de cerca de 100 estudantes e abordou desde qual porcentagem do PIB brasileiro de destino à educação até a valorização (ou desvalorização) do ensino de graduação na Poli (e na USP).



estudantes em assembleia da Poli no biênio (16/6)



poliglota
Idiomas

Matrículas Abertas

INTENSIVO DE JULHO / 2º EXTENSIVO de 2004

Intensivo com desconto para matrículas efetuadas até 30/06/04

e extensivo com desconto até 30/07/04

<http://www.gremio.poli.usp.br/poliglota>



⊕ POLITRÉCO ⊕

Saudações

Saudações, bixarada! Saudações, veteranos! Oi, mãe. Após alguns meses hibernando, **O politreco** volta, agora sob nova direção. Nesta edição *histórica* iniciamos a **Série didática**, que tem o intuito de promover a transmissão dos conhecimentos adquiridos ao longo da vida universitária dos veteranos politécnicos aos recém chegados bixos. Iniciamos também a série **O que eu não entendo** que tem por pretensão questionar o mundinho em que vivemos. Ainda há as maravilhosas cruzadas impoliticamente corretas, parte fundamental de qualquer jornal que se preze. Esperamos poder contribuir para o desenvolvimento intelectual dos alunos de nossa Escola, ou pelo menos fazer alguma garota sorrir.

Denis Mauá (Controle To2) e
Wagner Silva (Potência To2),
Editores d'O Politreco.

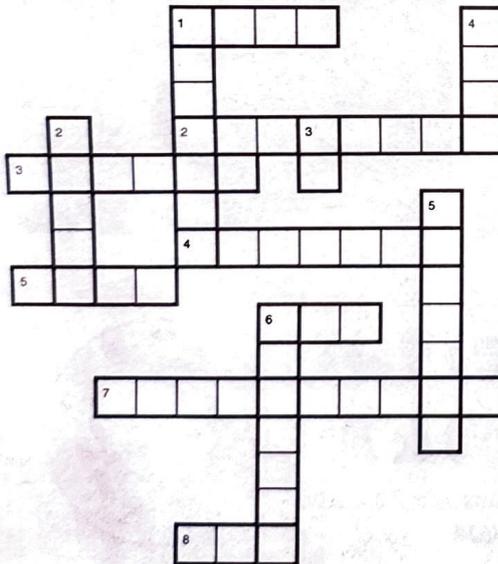
O QUE EU NÃO ENTENDO

Será que todos os bixos da Poli deste ano fizeram anglo?

ANEDOTAS

-Mãe, mamãe... eu já tenho 13 anos, me compra um sutiã?
-Não!
-Vamos mamãe... compra um sutiã pra mim...
-Eu já disse não!
-Mas mamãe, eu já tenho 13 anos...
-Não me amole, Artur!

-Mãe, mamãe... deixei as drogas...
-Graças a Deus, meu filho
-Sim... mas não me lembro onde.



Série Didática - Primeira Parte - Dos efeitos do álcool

1. Prefácio

Começamos esta série infinita (enquanto a censura não nos podar), com um dos assuntos mais relevantes aos novos ingressantes: o álcool! Sim, meus caros bixos, a vida boêmia, a diversão, a mulherada, o declínio, o mal-estar, o enjôo e, por fim, o gorfó!

2. Modo de usar

Um dos ensinamentos mais importantes é a posologia: uma dosagem baixa de álcool deixa o politécnico em seu estado natural de nerdice; já a dosagem certa leva o engenheiro a seu estado de glória: um mundo belo, onde todas são belas e tudo é perfeito. Mas cuidado: uma dosagem excessiva do remédio pode implicar em graves efeitos colaterais. E lembrem-se sempre: no dia seguinte, tudo volta ao normal - ou quase.

3. Exemplos

Na **figura 1**, vemos que o indivíduo em questão encontra-se em seu estado natural, com sua inseparável e única amiga HP no seu habitat de costume: a solidão. O elemento acha-se absorto em sua exclusão; diverte-se com jogos toscos e mal sabe o que a vida pode lhe oferecer.

Já na **figura 2**, temos o politécnico ideal na sua plenitude de sentimentos. Acompanhado dos mais belos exemplares da espécie feminina, ele encontra finalmente o verdadeiro sentido da vida - a diversão. A inserção no meio dá-se por completo e o indivíduo é incorporado ao sentimento da *extensão universitária*.

Por outro lado, vemos na **figura 3** o exemplo do engenheiro que passou dos limites. Buscou incessantemente a otimização do seu estado de glória. E como quem vai com demasiada sede ao pote, o politécnico passou do ponto. Encontra-se na mais profunda alienação. Cercado de amigos com baixo nível de dosagem (ver figura 1), o mau exemplo nem sequer percebe a podridão que se encontra. Resta-lhe a fossa da amargura e o gorfó. De quebra, ainda corre o risco de receber um esporro maternal ao adentrar seu lar.

Na próxima edição: *Hardware e software: como escolher sua "máquina"*.



figura 1



figura 2



figura 3

CRUZADAS IMPOLITICAMENTE CORRETAS

HORIZONTAIS

1. Dizem que existe após a Poli.
2. Comi no Bandeirão, caguei na...
3. O que menos tem na Poli.
4. Álgebra Linear.
5. O que as aulas nos dão.
6. Pra que isso?
7. Aprende-se a nos labs de física.
8. Faculdade dos Engenheiros Arrendidos

VERTICAIS

1. Melhor dia para estudar para as provas.
2. Sobrenome de bixo.
3. Você ainda vai ter(se já não tem) uma (ou mais).
4. Leva-se muito em prova.
5. Sinônimo de "escrever conclusões de relatórios"
6. Onde a Teoria não funciona.

SOLUÇÃO: HORIZONTAIS: 1. VIDA 2. PRODUÇÃO 3. MULHER
4. ALGÉBRICA 5. SONO 6. PÓ 7. ACOXAMBRAR 8. PRÁTICA
VA 2. BÚRNO 3. DIF 4. NABO 5. ENROLAR 6. PRÁTICA

Devido ao grande problema de comunicação existente aqui na Poli entre alunos e professores ou demais autoridades, apresentamos o nosso guia mostrando que:

Quando eles dizem	Na verdade, eles querem dizer
Vamos usar um artifício	Vamos acoxambrar a demonstração
Prestem atenção que isto é importante	Isto deve constar da cola de vocês
O tempo é exato para a prova	O professor resolve em duas horas
Brevemente sai a revisão da prova	Na matrícula do próximo semestre vocês descobrem se passaram
Depois que a lista vai para o secretário, não quero nem saber	Não me interessa se um só assinou pela classe inteira
Vamos resolver um exemplo. Está resolvido, mas vale a pena resolver de novo	Não sei resolver um exemplo que não está resolvido
Não serei rigoroso na demonstração	Não manjo nada de formalismo matemático
Não vale a pena repetir isto	Estou com preguiça

dr. Kivibes

publicado n'O politécnico de outubro de 1985